

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
VICTOR HUGO DE MELO CELESTINO

CORPO NEGRO E RACISMO

Um estudo da obra “Negroes in Brazil” de Donald Pierson

Brasília

2021

Corpo negro e racismo no Brasil: um estudo da obra “Negroes in Brazil” de Donald Pierson

Victor Hugo de Melo Celestino

Bolsista Pibic/FAPDF
Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza
Universidade de Brasília

Dulce Filgueira de Almeida
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Coordenadora do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza
Universidade de Brasília

RESUMO: O artigo analisa o significado de corpo negro e racismo no Brasil, tendo-se como centralidade a obra de Donald Pierson, “Negroes in Brazil”. A pesquisa bibliográfica foi constituída por meio da análise da obra, com abordagem qualitativa. Para a análise, buscou-se subsídios na análise de conteúdo. Com base na obra, selecionou-se 4 capítulos: “A miscigenação e diluição da linha de côr”, “Casamento inter-racial”, “A ascensão social do mulato”, e “A composição racial da atual sociedade Bahiana”. A escolha destes capítulos ocorreu após a leitura da íntegra da obra, quando se verificou que tais capítulos estavam mais relacionados com o significado de corpo negro e racismo no Brasil, escopo da investigação. Conclui-se que o significado de corpo negro é definido por aspectos físicos, que incluem além da cor da pele, aspectos faciais e o cabelo. Por fim, Pierson advoga que no Brasil, ainda que exista uma “situação racial” complicada, não há uma “questão racial” por si.

Palavras-chave: Corpo negro; racismo; Donald Pierson; Negroes in Brazil; Pesquisa bibliográfica

ABSTRACT: The article analyses the meaning of black bodies and racism in Brazil, having as its central scope Donald Pierson’s “Negroes in Brazil”. The bibliographic research was constituted as analyzing the work by qualitative approaches. For its analysis, content analysis was the subsidizing method of research. Based on this work, four chapters were selected: “Race mixture and the crumbling of the color line”, “Intermarriage”, “The rise of the mixed-blood”, and “The present ethnic composition of the classes in Bahian society”. This choice of chapters happened after a full reading of the work, when it was seen that these chapters were more closely related with the meaning of black body and racism in Brazil, the focus of this investigation. Thus it is concluded that the meaning of black body is determined by physical aspects, which include skin tone, facial aspects and hair. Lastly, Pierson states that although there is a complicated “racial situation” in Brazil, there is no “racial issue”.

Keywords: Black body; racism; Donald Pierson; Negroes in Brazil; Bibliographic research

Introdução

Estamos no século XXI todavia questões relacionadas ao preconceito racial ainda parecem inspirar práticas sociais de homens e mulheres em diferentes contextos sociais e culturais (ALMEIDA & COOK, 2020). Tais práticas sociais, caracterizadas em diversos países como crime de racismo, classicamente denominado de injúria racial, são marcas em corpos de homens e mulheres negras, pretas. Isto é, reconhece-se que o corpo é o elemento revelador das identidades e, ao mesmo tempo, constitui-se como uma base material de existência humana, é no e pelo corpo que se revelam as expressões de preconceito e discriminação.

Há pouco mais de um ano, erigiu um movimento mundial denominado de “Black lives matter”, que em português significa “Vidas negras importam”, após a ocorrência do homicídio de George Floyd nos Estados Unidos em 20 de maio de 2020, assassinado por asfixia por um policial branco. Conquanto, apesar de o mundo observar estarecido os desdobramentos do crime racial cometido, outras práticas sociais continuam evidenciadas ao redor do mundo, inclusive no Brasil. No dia 20 de julho de 2021, praticamente um ano após o assassinato de Floyd, no Distrito Federal/Brasil uma mulher branca cometeu crime de injúria racial ao gritar termos pejorativos para um senhor negro e seus filhos que caminhavam próximo a um centro comercial.

Tais fatos do presente demonstram que entender o lugar ocupado pelos corpos negros e a questão racial no Brasil, e, seguramente, no mundo, é algo peremptório e, concordando-se com Hobsbawm (1993) para se entender o presente precisamos buscar nas fontes históricas os elementos indispensáveis a sua compreensão.

O artigo analisa o significado de corpo negro e racismo no Brasil, tendo-se como centralidade a obra de Donald Pierson, “Negroes in Brazil”. Porém, para tal, faz-se necessária uma análise da noção de corpo negro de modo geral, o qual ocupa uma posição de centralidade, afinal, segundo Shilling (2012), esta é uma maneira de posicionar o indivíduo na sociedade, como mediador das relações com o social, corroborando com o conceito de corporeidade proposto por Le Breton (2007).

Donald Pierson (1942) é um sociólogo norte-americano, que trabalhou no Brasil durante duas décadas e construiu sua tese de doutorado sobre “Os Negros no Brasil”, escrita entre 1934 e 1937 e defendida nos Estados Unidos no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago (ALMEIDA & COOK, 2020). Em sua tese, baseada nas experiências de Pierson na Bahia de 1935 a 1937, que se transformou em livro e será aqui analisada, o autor apresenta uma análise acerca das relações raciais e sociais da população negra da cidade de Salvador, Bahia, Brasil, na década de 1930.

Pierson, aluno da Universidade de Chicago e, portanto, adepto da mesma linha de pensamento de Robert E. Park, seu professor, foi incentivado pelo mesmo a compôr estudos raciais fora dos Estados Unidos – decidiu, então, pelo Brasil, especificamente a cidade de Salvador, na Bahia. Voltou então aos Estados Unidos para defender sua tese, em 1939, mas desde antes da conclusão de seu doutorado já fora sondado pela ELSP (a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, hoje Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESP-SP) a fim de compor parte de seu quadro de professores.

Já em território brasileiro, mantém contato com pesquisadores da época, como Arthur Ramos e Gilberto Freyre, este último sendo grande influência para Pierson, citando seu trabalho “Casa Grande e Senzala” em diversos artigos e publicações, e mesmo escrevendo um prefácio quando da publicação americana do livro, em 1947.

Na ELSP, fundada em princípios similares às instituições de ensino “liberais” americanas, em direto contraste ao academicismo europeu, Pierson, além de lecionar, realizava atividades de pesquisa, inovando em seu uso de variáveis sociais e outros dados empíricos na elaboração de seu “Recenseamento”, onde até então somente eram consideradas questões geográficas.

Em 1941, cria o programa de pós-graduação da ELSP, que formaria em 1945 Oracy Nogueira, e nos dois anos seguintes nomes como Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes. Ao longo do começo da década de 40, foi mentor de diversos projetos de pesquisa de seus alunos, os quais buscavam compreender as formas de vivência da população; destaque se dá a “Habitação em São Paulo” (1942), “O estudo da cidade” (1943), e “Hábitos alimentares em São Paulo (1944).

Eventualmente, em 1951, começa seu projeto mais ambicioso e significativo, o “Projeto do São Francisco”, o qual movimentou esforços de mais de vinte de seus alunos pesquisadores, coletando dados e produzindo relatórios acerca das populações ao longo do Vale do Rio São Francisco e suas vivências. Pierson, em 1952, volta aos Estados Unidos para realizar tratamentos de saúde, e retorna esporadicamente ao Brasil desde então, como para supervisionar a confecção, redação e entrega do relatório definitivo em 1959. Realizou, desde então, conferências e projetos junto de diversas instituições ocidentais, vindo a falecer no ano de 1995, na cidade de Leesburg, na Flórida.

Seu trabalho, influenciado pelos trabalhos da Universidade de Chicago e sua experiência com o professor Robert E. Park, lidando com dinâmicas sociais e a ecologia humana, trouxe inegável contribuição ao campo de pesquisa nacional; analisava sob uma ótica empírica os efeitos da vivência urbana no âmbito social das relações humanas (como outrora fizera Park), produzindo trabalhos acerca de temas como a habitação, o trabalho e mesmo hábitos alimentares.

A mesma estrutura de análise se aplica a seus “estudos de comunidade”, pesquisas acerca do modo de vida de pequenas populações rurais, como fizera em seus trabalhos “Cruz das Almas” (1951) e “O Homem no Vale do São Francisco” (1972). Estes servem para ilustrar as percepções de Pierson acerca da própria natureza da sociologia e as filosofias que a suportam; discordava da noção de diferentes “escolas” dentro da sociologia, optando por uma visão baseada nas evidências empíricas contrastadas com a teoria vigente, modelo este que viria a ser adotado por diversos de seus pupilos.

Metodologia

A pesquisa documental, esta por sua vez apoiada em perspectivas metodológicas de abordagem qualitativa, foi constituída por meio da análise da obra de Donald Pierson “Negroes in Brazil”, como parte de uma agenda de pesquisas relacionadas ao projeto “As repercussões da escola sociológica norte-americana na constituição da sociologia do corpo no Brasil”, desenvolvido junto ao Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza da Universidade de Brasília.

Apresenta uma perspectiva metodológica ancorada na abordagem qualitativa, com características de revisão sistemática.

Para a análise buscou-se subsídios no método da análise de conteúdo (Bardin, 2011); para a autora, se trata de uma “operação ou conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência”; portanto, são fontes de informação que dão à pesquisa documental status imprescindível em estudos de dados qualitativos. Ainda podemos, segundo a autora, considerar materiais como livros, leis, cartas, matérias em jornais, regulamentos e outros como “documentos”.

Sendo assim, a análise de conteúdo serve à estruturação mais minuciosa do material, definindo conceitos-chave como categorias ou conteúdos a serem interpretados, consoante a relação sentido-significado expressa no trecho do texto selecionado. Os conceitos tomados como chave para o estudo são: noção de racismo institucionalizado; preconceito de marca; e, por fim, os sentidos e significados de corporeidade, corpo negro e raça no Brasil.

Resultados e Análise

Conforme estudo realizado por Almeida & Cook, 2020, p. 275, a tese de Donald Pierson apresenta a seguinte estrutura:

The thesis was divided into 11 chapters, distributed across six parts, as well as its pre-text elements: appendix, glossary, works cited, bibliography, index by name, and index by themes. The main content, disposed in chapters and separated into parts, includes: part 1 – The setting – I The Seaport of Bahia; part 2 – Slavery, which contains two chapters: II – The coming of the Africans and III – Casa Grande & Senzala; part 3 – Miscegenation, with chapters IV – Race mixture and the Crumbling of the color line, V – Intermarriage; part 4 – Race and social status, whose chapters are: VI – The Rise of the mixed-blood, VII – The present ethnic composition of the classes in Bahian society, VIII – Racial ideology and racial attitudes; part 5 – The African heritage, divided in IX – Os africanos and X – The Candomblé; and finally, part 6 – The Bahian racial situation, composed by the single chapter, XI – Black and White at Bahia.

Por meio dessa estrutura básica, nossa atenção se fixou nas seções 3 e 4. Na seção 3, denominada de “Miscigenação”, nosso interesse ateve-se aos capítulos “A Miscigenação e Diluição da Linha de Côr” e “Casamento Inter-racial”. Na seção 4 – “Raça e ‘status’ social”, escolhemos os capítulos “A ascensão social do mulato” e “Composição Racial das classes na atual sociedade Bahiana”. A escolha destes capítulos ocorreu após a leitura da obra em sua íntegra, quando se verificou que tais capítulos estavam mais relacionados com o sentido-significado de corpo negro e racismo no Brasil de forma mais direta.

Pierson (1942) afirma que, ainda que exista uma “situação racial” complicada no Brasil, não há uma “questão racial” por si. A análise do autor traz a eliminação do preconceito de raça através da miscigenação, pondo em seu lugar preconceito de classe. O negro, ao passar pela ascensão social, é mesmo tido como “branco”; o autor chega a citar um ditado recorrente na Bahia da época, “Negro rico é branco e branco pobre é negro” (p. 214). Evidencia-se, portanto, um paradigma mais relacionado à divisões de classe, que não se assemelham em igual proporção às divisões (tênuas) raciais.

Pierson analisa questões raciais e sociais para a composição de seu trabalho, e muito se discute acerca das questões do negro (e, por extensão, do mulato), em aspectos sociais, históricos e até mesmo fisiológicos. Assim, surge dentro do texto alguma alusão à corporeidade negra, mesmo que sobre o escopo da então nascente antropologia social, ainda mais sob a percepção teórica historicamente eurocêntrica (mais tarde anglo-cêntrica, com foco no branco anglo-saxão) e majoritariamente branca.

O corpo negro é formado, em sua concepção psicológica, a partir de um paradigma “branco”; a corporeidade negra surge a partir do contraste com a “existência” branca e a construção de uma condição de “negro” enquanto na sociedade (Nogueira, 1998). A miscigenação leva à assimilação do negro, eventualmente levando à adoção por negros e mulatos de características “brancas”: práticas como danças e cantos tradicionais, como no Candomblé e o Carnaval, os festivais, outras experiências sensoriais, são abandonados pelo negro que busca a ascensão social. Isto se evidencia especialmente nas estatísticas de composição racial, descritas mais à frente neste trabalho.

Neste capítulo, Pierson adota um enfoque histórico para tratar da miscigenação, apresentando os precedentes da miscigenação na própria Europa antes do período colonial e os exemplos ocorridos em outras colônias, como as do sudeste da Ásia e as da África. Ainda que o conceito da corporeidade negra não seja abordado diretamente neste capítulo, Pierson traz um importante contexto para tratar do mesmo – a experiência do negro na sociedade pré-colonial portuguesa, com a qual se relacionava “numa base de igualdade social e mesmo de inferioridade” (1942, p. 178). Em seguida, aborda alguns aspectos da existência e vivência do negro na Bahia analisada na obra, especialmente sobre a relação do negro com outras raças. Pierson afirma que a miscigenação na Bahia era favorecida pelas uniões extraconjugais, especialmente entre homens brancos e mulheres mulatas e negras, bem como o suposto prestígio “ordinariamente atribuído ao filho mais branco” (p. 181).

A posição da pessoa negra ainda é discutida logo em seguida; há frequentes menções às mulheres negras em ambientes específicos de trabalho, como cozinhando para alguém ou vendendo produtos feitos por ela mesma, ou lavando roupa. Para Boltanski (1984), as disposições físicas são marcadores, geradoras de características sociais relacionadas ao trabalho e à classe. Desta maneira, pode dizer-se que também o corpo negro é, além de si próprio, também representação de suas características no que se relaciona ao trabalho. Além desta visão do trabalho, também há de se analisar as relações de raça enquanto dentro do contexto da escravidão; a miscigenação foi facilitada também pela intimidade crescente entre senhores e seus escravos (Almeida e Cook, 2020).

Ademais, há uma discussão que aborda características fenotípicas na construção de uma ideia de “raça” na Bahia. “Na Bahia, é difícil separar as cores” (p. 51), citando as palavras de um educador, Pierson dá credibilidade a uma ideia de diminuição das fronteiras raciais, ou entre as categorizações de raça (como *pardo*, *mulato*, *preto* etc.).

Casamento inter-racial

Pierson aborda aqui o casamento entre raças; como mencionado na seção anterior, geralmente entre os homens brancos, senhores de escravos, e suas escravas mestiças e negras, o que

propiciou uma facilitação desta em tempos mais modernos (ou seja, a Bahia de 1930). É sabido que o corpo tem diferentes papéis sociais a depender de questões como gênero, raça, e sexualidade, que afetam a vivência do corpo (Cregan, 2006), especialmente do corpo negro racializado.

Os casamentos interracialis, segundo Pierson, tendem a seguir uma lógica não somente relacionada à cor, mas também à classe; segundo o autor, “casamentos entre indivíduos de cor diferente, como casamentos entre indivíduos pertencentes à mesma raça, normalmente se realizam dentro da mesma classe” (p. 210). É notável nas citações trazidas em parágrafos subsequentes uma percepção da falta de “classe” nos negros por parte da camada superior da sociedade; historicamente, os negros escravos executavam tarefas braçais, associadas a uma falta de “refinamento” talvez por estarem distantes de uma visão consciente do corpo, visão a qual é percebida de maneiras diferentes por diferentes classes sociais (Bourdieu 1979 apud Le Breton, 2007).

A distinção racial, segundo Pierson, serviu para fixar as classes; mas, neste aspecto, “está progressivamente perdendo terreno, à medida que tem número cada vez maior de indivíduos de cor escura dá [sic] provas de possuir, ou de ser capaz de conquistar outras características, índices de ‘status’ superior [...] o preto ou o mulato escuro pode vencer o obstáculo da cor [...]”. Para o autor, o indivíduo de cor, em especial o negro, tem também papel de *ator* dentro da sociedade, podendo agir através de vantagens intelectuais e econômicas para superar a percepção racial sofrida.

A ascensão social do mulato

O mulato é entendido como Pierson como um agente distinto do negro na sociedade brasileira; por possuir associações sociais distintas, tinha alguma facilidade para ascender e “apropriar [...] símbolos de ‘status’” (p. 226). Possuía melhor aceitação dentro da sociedade, especialmente por ter em sua compleição traços mais aproximados aos europeus, e inclusive os levou a ser considerado mais próximo ao indivíduo do que ao grupo – fato este não aplicado aos negros, vistos de certa forma pela mesma ótica do corpo racializado, ignorando suas peculiaridades individuais e únicas em prol de uma mesma visão que desumaniza o

corpo, tornando-o *coisa*, subsumida na fantasia do corpo racializado (Le Breton, 2007). Contudo, mesmo com a relativa facilidade de transitar pelas camadas sociais gozada pelo mulato, em comparação a negros, o mesmo não era livre das percepções que circulavam as pessoas de cor no Brasil e conseqüentemente era em certas circunstâncias discriminado, ainda que em grau significativamente menor do que um indivíduo negro.

Ainda que mencionado de forma breve em capítulos passados, neste, faz-se evidente o aspecto sociológico da sexualidade na vivência negra; Pierson justifica parte da ascensão dos mulatos na sociedade através da prática sexual e da atração. O autor nos traz o argumento “[...] do mito da potência sexual dos híbridos” (p. 235), oriundo de uma visão racial sobre o corpo negro, supostamente dotado de maior capacidade física e, portanto, habilidade sexual, o que teria levado mulheres brancas a fugir com mulatos de convívio próximo e senhores de engenho já de idade avançada a casar com mulatas de graus variados de ascendência negra. Nota-se uma objetificação do corpo negro sob a ótica racial da época; neste quesito, o corpo negro (especialmente o mulato) é um significante do seu status social.

Outra característica indubitavelmente corpórea é o aspecto fenotípico, discutido previamente, mas que aqui é citado em, dentre outros exemplos, o de Gonçalves Dias, icônico poeta nacional, que, apesar de homem de *status* e intelecto, possuía certa inferioridade com relação a sua origem “menos nobre”, que manifestava-se através de seus traços negróides. Ainda cita a prática do mulato de, numa tentativa de desassociar-se da “raça” negra, assumia certas percepções desfavoráveis à vivência negra, o que Pierson chama de “um arianismo enfático”, “um cúmplice do branco contra o preto” (p. 238).

A composição racial das classes na atual sociedade Bahiana

Pierson, neste capítulo, nos dá uma lista exaustiva da composição racial da sociedade da Bahia da década de 1930, separada por: ambientes (clubes, escolas, sindicatos etc.), ocupações (isto é, empregos e atividades econômicas), classes econômicas – neste caso citando faixas de rendimentos e outros índices como posse de automóveis e assentos em cinemas e estádios, e outras atividades diversas. Porém, foco especial neste capítulo se

direciona à seção em que discorre sobre a composição racial do Carnaval baiano. Pierson prontamente evoca os elementos de origem particularmente negra, como as batucadas e os cordões (aglomerações de pessoas, descritas por Pierson como “invariavelmente negros”), nas quais utilizam-se instrumentos percutidos e indumentárias típicas, ambos de origem africana. Raramente os brancos compunham estes grupos, vindo a fazer parte de grupos de foliões independentes e dirigências dos desfiles.

Pierson, notavelmente, justifica a diferença das composições raciais com mais evidência nos parágrafos finais. Deixa claro a origem do racismo (que não o é, necessariamente, para o autor) enraizado na sociedade bahiana, explicando-o pelas circunstâncias do negro recém-liberto da escravidão – dito por ele como começando “de baixo” (p. 267) – e do estigma social formado em volta de sua raça por parte não somente da elite branca mas da sociedade brasileira em geral. Porém, insiste na percepção distante da visão racial, voltando a afirmar que na Bahia faz-se presente uma “sociedade baseada mais em classe que em raça”.

Considerações finais

Os capítulos da obra “Negroes in Brazil” abordados neste trabalho – *Miscigenação, Casamento inter-racial, A ascensão social do negro, e Composição racial das classes na atual sociedade Bahiana*, apresentam noções diversas acerca do corpo, mas o corpo em si não é mencionado frequentemente no trabalho; ademais, vale-se de generalizações que não necessariamente se aplicam a todo o território brasileiro (Almeida e Cook, 2020). Ao longo do texto, Pierson cita diferenças entre os comportamentos de raça nos Estados Unidos e no Brasil, o que pode ter contribuído a uma visão imprecisa sobre a questão racial, tanto do Brasil quanto na situação evidenciada na Bahia.

Como mencionado previamente, não há uma menção objetiva ao conceito da corporeidade negra, ainda que seja trabalhada de certa forma, especialmente em aspectos culturais como danças e festas, que evidenciam técnicas do corpo negro – ou seja, conjuntos específicos de sincronias musculares, gestos, modalidades de ação (Le Breton, 2007) que são passados entre culturas ou, no caso das pessoas de cor, entre gerações. O aspecto psíquico da corporeidade negra é abordado com alguma frequência especialmente nos capítulos analisados neste trabalho, pondo em evidência a percepção sensorial do corpo negro na cultura e a subsequente percepção racial que origina do mesmo.

Este trabalho buscou uma análise da corporeidade negra e do racismo dentro da obra de Pierson, adicionando o material obtido a um conjunto de estudos e pesquisas ainda em curso, parte de um projeto de pesquisa ligado à FAP-DF (Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal), em que ocorrerão ainda outros projetos, em desenvolvimento, ligados a esta área de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Dulce Filgueira de; COOK, Craig. The Black Body in Donald Pierson's Thesis Negroes in Brazil. **BRASILIANA: Journal for Brazilian Studies**, v. 9, n. 2, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p. 51

BOLTANSKI, Luc. As classes sociais e o corpo. In: **As classes sociais e o corpo**. 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.

CREGAN, Kate. **The Sociology of the Body: Mapping the Abstraction of Embodiment**. London: Sage, 2006.

DAVID, Le Breton. **A Sociologia do Corpo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOBSBAWM, Eric. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NOGUEIRA, Isildinha Batista. **Significações do Corpo Negro**. 1998.

Pierson, Donald. **Negroes in Brazil: a study of race contact at Bahia Chicago**. Chicago: University of Chicago Press, 1967 [1942]. 420p.